1893

Crença & Letras

PUBLICAÇÃO MENSAL

4.ª SERIE

N.º 5

DIRECTOR

P.e Antonio Hermano

Assignatura: Quinhentos réis por anno

SUMMARIO

A cruz e o tumulo, *Agostinho d'Azevedo* — Nos Jeronymos. Preito do genio (poesias), *Matheus Ferreira* — Leituras, *R. F. Fontinha* — Uma constellação, *A. Hermano* — Letras, *Antunes*.

REDACÇÃO

COLLEGIO DE S. DAMASO

GUIMARÃES

Lições de bem falar

AOS COLLEGIAES

LAPSOS

(Continuação)

POR

Desapercebido (desprovido)	»	*despercebido* (inadvertidamente)
Perda (damno)	»	*perca* (peixe)
Emigrar (sair de..)	»	*immigrar* (entrar para...)
Borrão (nodoa de tinta)	»	*morrão* (ponta da torcida)
Bocado (fracção de comestivel)	»	*pedaço* (d'outra materia)
Sôco, sócos (murros)	»	*sóco, sócos* (calçado)
Coser (unir com agulha)	»	*cozer* (ferver ao fogo)
Vêm (pl. de vir)	»	*veem* (pl. de ver)
Partilhar act. (dividir em partes)	»	*participar* (ter parte em)
Comprimento (extensão)	»	*cumprimento* (felicitação)
Emquanto (conj.)	»	*quanto* a (circunst. de relação)

Mealheiro literario

O programma gizado visava sobretudo á gallomania e ao plebeismo; soffrei, porém, ainda o *acto addicional* d'esta secção, onde, obulo a obulo amealharei locuções, joasitas, maximas e proverbios, em ordem a formar um pequeno *monte pio* onde podereis recorrer nas horas criticas da penuria de *dizer*. Irei, de penna na mão, de classico em classico, colhendo esmolas para esta *bola de neve* literaria. Aparai no regaço da memoria esta abada de flores... rhetoricas.

Ter pilhas de graça. Ter carradas de razão.

Soltar frouxos de riso. Custar os olhos da cara.

Comer á tripa-fórra. Rir a bandeiras despregadas.

Perder a tramontana. Tremer como varas verdes.

Dar-lhe no gôto. Andar numa roda-viva.

O gracejo é como o sal, deve-se usar com moderação.

Mais vale um «toma» que dous «te darei.»

Quem tem telhados de vidro não atire pedras ao do visinho.

Dá Deus as nozes a quem não tem dentes.

Filho de peixe sabe nadar.

Quem diz o que quer ouve o que não quer.

Com agua passada não móe o moinho.

A. A.

Religião & Educação

Não é de necessidade absoluta que todo o homem seja instruido, que saiba grammatica, geographia, mathematica, historia natural; porém é de necessidade absoluta que todo o homem seja um *homem de bem*. Não é forçoso que todo o homem seja um sabio ou simplesmente uma illustração, mas é forçoso que seja um *caracter*, sob pena de não passar d'uma metade ou d'um terço d'homem.

Ora é a educação moral quem, formando o coração, architecta o caracter integerrimo, o cidadão honestissimo, exacto cumpridor de todos os deveres sociaes, respeitador invariavel de todos os direitos alheios, facilmente accessivel ás commoções piedosas que determina o espectaculo das multiplas dôres humanas.

A religião pela sua parte é o alpha e o omega; está no alicerce e na cupula da synthese humana, influe em tudo, para tudo se póde considerar util, é uma força eminentemente effectiva, e conservadora, possue a chave da ordem e da paz assim individual como social. A educação religiosa desperta no menino

o sentimento latente mas innato e profundo do culto da divindade, traduzido na adoração e na confiança. Porém, mais do que isso, apparelha o homem futuro, munindo-o das armas preciosissimas da fé, da resignação, da coragem, para os dias por ora longinquos mas inevitaes das terriveis batalhas da vida, para essas crises terriveis do soffrer intimo, em que a incredualidade nos suggere: *Suicida-te* — e a religião nos brada: — *Sê forte.*—

Senna Freitas.

ASSOCIAÇÃO DE S. LUIZ

Sessão de abril

Como é praxe, realisou-se a sessão correspondente ao mez de abril. O assumpto principal d'esta sessão foi a leitura dos Estatutos. Varios socios apresentaram propostas e emendas.

Entre estes cumpre-me mencionar os collegiaes Annibal Mesquita, Motta Prego, Araujo e Almeida. O snr. Presidente propoz a creação da sympathica instituição do *Pão de Santo Antonio* e assim foi resolvido, com aprazimento de todos. Esperamos que d'ahi venham alguns doces fructos de caridade e de educação.

Sessão de maio

No dia 18 de maio, para commemorar a chegada de Vasco da Gama á India, houve uma sessão patriotica.

Ainda que improvisada, correu cheia d'um ruidoso enthusiasmo.

O snr. Presidente abriu a solemnidade com um breve discurso caloroso, em que, a traços largos, esboçou grandioso feito historico que ali se festejava e poz em claro relevo o quanto elle illuminou, para sempre, os soberbos fastos da Nação.

Em seguida, o illustrado professor rev.mo Abel Freitas recitou uma poesia, vibrante de patriotismo.

Falou tambem, com muita habilidade, sobre o descobrimento da India, o collegial Annibal Mesquita e recitaram poesias allusivas os socios A. Pimenta e Americo de Souza.

Por fim usou novamente da palavra o snr. Presidente e terminou com um *viva!* muito caloroso á *Patria*, sendo correspondido com impeto.

A orchestra, regida com superior mestria, muito concorreu para afinar a corda do enthusiasmo.

Bella sessão, espontanea e cordeal!

Socius.

NO COLLEGIO

Os distinctos

Distincção em **comportamento, aulas e applicação** — Adolpho Cunha, Alfredo Monteiro, Amandio Freitas, Alberto Cruz e Alves Ferreira.

Comportamento e applicação — C. Leão, A. Peixoto, Alves Moreira, Peixoto d'Azevedo, Gonçalo Faria, Alvaro Lemos, J. M. Vasconcellos, Adelino Rebello, A. Azevedo, Elias, Henriques, Salgueiro, A. Faria, S. Pereira, J. Miranda, Montenegro, Sampaio e Castro.

Comportamento — J. Ferreira, Maltez, M. d'Oliveira, Cardoso, M. Santos, Rodolpho, A. Santos, Jeronymo Almeida, Gomes, Viannas, Pinheiro, Sepulveda, Nelson, Alves, Santiago, Americo, Arnaldo L., Lobo, Nascimento, Milheiro, Aurelio, H. Miranda, M. de Sausa, M. Lopes, Cautella, Almeidas e Norberto.

Applicação — Rebello, Eurico, Balthazar, J. Telles e Aguilar.

A cruz e o tumulo

De toda essa lugubre tragedia do Calvario, que moveu a Judêa e commoveu o mundo, restam duas testemunhas mudas e impassiveis, mas magestosas na eloquencia do silencio: no cume do monte, uma cruz núa e na espalda do outeiro, um tumulo vasio.

São as sombras do luminoso vulto de Jesus, perpetuando nos seus perfís toda a grandiosa obra da Redempção.

Dos seios da Dôr prostrada no leito da cruz irrompeu uma pomba branca, de fazer inveja á candura da neve, era a Esperança.

Das trevas do tumulo rasgou-se uma aurora radiante de todas as irradiações da alvorada, era a Fé. D'um osculo que entre si trocaram, concebeu-se a Caridade (1). Enlaçadas por mutuo affecto, formaram as tres graças christãs.

---

(1) Vieira de Castro — (Caridade).

A cruz dera-nos a liberdade na terra, o tumulo entremostrava-nos a immortalidade no ceu: na vida, grandes pelo imprescriptivel direito, além da vida, maximos pela infinita gloria. Christo, o bom, o doce, o santo, abrasado d'amor levara uma vida curta mas apaixonada, de braços abertos, procurando cingir toda a humanidade num longo amplexo paternal; porém a humanidade que não soube comprehendê-lo, cravou-lh'os numa cruz, que era o supremo opprobrio. Abraçou-a, e, como tudo o que tocavam suas mãos misteriosas, transfigurou a; e ella que era o leito da ignominia e o estigma da maldição surgio d'aquelle abraço, lábaro de bem-aventurança, bandeira da liberdade. Foi um louco d'amor: perdoava á peccadora porque tinha o coração cheio de paixão, perdoava aos algozes porque não sabiam o que faziam e preceituava que quem amasse o proximo, enchia toda a lei. *Plenitudo legis est dilectio.*

O coração de sua Mãe — todo o seu thesouro, esse mesmo deixou-o como herança á humanidade ao depositar o espirito no seio de seu Pae: «*ecce mater tua*».

Aquelle extremo suspiro em que concentrára toda a vida, repercutindo-se de quebrada em quebrada, abrira echo num temeroso tremor de terra — prenuncio do cataclismo moral do mundo. Ao abalo do terramoto, o Olimpo oscilla, desfazendo em pó a degenerada idolatria; os thronos tremem, sacudindo pelos degraus os odiosos tirannos; as cadeias da escravaria dessoldam-se, pulsando em todos os corações o alvoroço da Justiça e Direito.

O veu do templo rasgára-se d'alto a baixo: dissiparam-se todas as trevas, esclareceram-se todos-os misterios, abrorogaram-se todos os sacrificios sangrentos da antiga lei e desanuviara-se a face de Jehovah, terrivel de justiça, cruzada de trovões e relampagos.

Se a culpa abundou, a expiação superabundou.

A civilisação moderna teve um baptismo de sangue. As lagrimas de Maria e o sôro do lado de Jesus foram a agua lustral da Liberdade.

Rehabilitou a mulher e subtilisou o amor.

A mulher paixão — a vendida da Asia, a bacchante da Grecia, a devassa de Roma — quer Venus, quer Aspasia fundiu-se, emergindo a mulher sentimento, a mulher coração, amando e não prostituindo-se: sendo esposa e mãe, não amazia e femea.

Emancipando a mulher, dignificando o homem e aureolando a creança, moralisou o lar, formou a familia.

Banharam-se todas as almas na uncção suavissima da paz, proclamando armisticio para todas as guerras; orvalharam-se todos os espiritos com a prolifera chuva das graças consoladoras que o arido fatalismo esterilisára.

Os humildes, enteados da fortuna, fluctuando no immenso mar do desespero, consolou-os com a esperança e canonizou-os, cidadãos.

Equiparou os direitos e equilatou os deveres; ao direito da raça guerreira succedia o direito de todos os homens, e ao brazão do sangue azul, o brazão do trabalho, ennobrecendo o suor.

A balança da justiça vendada, accusava a fraternidade universal e a egualdade reciproca de direitos.

A força caía aos pés da virtude, como a serpente seductora fôra esmagada pela mulher christã.

Respondeu á momentosa interrogação do areopago atheniense, desvendando-lhe o enigma do *deus ignotus*.

A cruz, em summa, trouxe amnistia para todas as culpas e resignação para todas as desgraças.

O tumulo, esse, fallando-nos ao espirito vem encher-nos com o divino ether da fé este vacuo que sentimos dentro em nós na insaciavel aspiração á Verdade.

Quando todo o sepulcro não era mais que a urna de cinzas, a eça funeraria de todas as vanglorias, o supedaneo da morte, a lapide dum epitaphio que é sempre a ultima vaidade, sobre o sepulchro de Christo coára-se como chuva d'oiro o seu divino espirito e d'elle assomou glorificado, reflectindo na face divina, todos os dotes do corpo glorioso.

O archanjo depondo a espada de fogo com que guardára o Paraiso, removeu a pedra tumular e sobre ella se sentou, formoso como uma visão oriental, animando-lhe o aspecto uma quasi fulguração, patenteando as portas da eternidade aos justos.

Aquelle tumulo foi a pedra d'ara de toda a Egreja, o sacrario da nova lei.

O corpo de Christo que repousára na esperança, refloresce, como a primavera renasce do lethargo da natureza, como o sol revive d'entre as lagrimas d'aurora.

Como a alegria é o refluxo do terror, a Resurreição é o refluxo da Paixão.

Aquelle tumulo virgem como Maria, concebeu Christo transfigurado.

A propria morte fôra devorada pela vida porque só Elle é a Vida e esta teve o seu berço no tumulo.

Rodaram seculos. A cruz que era o holocausto da degeneração barbara, surge na Europa, auriflama da regeneração civilisada, para mais tarde resurgir na Asia, espada vingadora da sacrilega violação do tumulo. O flamejar das lanças dos cruzados, deante do sacro sepulcro, evoca a visão do archanjo, retomando a espada de fogo, para defeza do novo paraiso.

Lameira, 12 de abril.

Agostinho d'Azevedo.

Nos Jeronymos

Inertes, algidos, emfim, prostrados,
dormem os dois, nos dois marmoreos leitos.
Ornam lhe os tumulos, brazões de eleitos;
traça-lhe a fama os nomes sublimados.

Audaz vencera um d'elles, conspirados
o undôso abysmo e os temporaes desfeitos.
Rasgando o novo rumo, heroicos peitos
varrem pavôres, domam potentados.

Levantara o segundo a herculea empreza,
com tal engenho e arte e tal nobreza,
qual só convinha a gloria tão honrada.

E a sua voz, que a morte não tem presa,
parece repetir com gentileza:
— «Para cantar-vos, mente ás musas dada!...»

Preito do genio

Erguera-se do tumulo entre-aberto,
o epico sublime e glorioso;
e avançara com passo magestôso,
para o moimento, que lhe fica perto.

De estranha luz banhava-se o deserto
templo; e, quebrado o secular repouso,
dos heroes o phastasma vaporôso,
como que fluctuava em torno e incerto.

— «A tua empreza — diz -- vibrou n'um canto
tão exalçado e ungido pela fama,
qual depois não foi outro mais nem tanto.

Hoje que, com a patria te ergue e acclama
o mundo, a quem teu nome leva o espanto,
esse livro a teus pés deponho, oh Gama!...»

Mattos Ferreira,
Prior em Cintra.

Leituras

Se boas, não ha encomios que assaz as exaltem; se más, não ha azorrague que bem as profligue.

Tendo por ideal a verdade, a justiça e o bem, desbravam os brejos e desannuviam as obumbrações do espirito, fecundam os canteiros do coração, dão impulso á vontade para as acções grandiosas e descobrem novos e amplos horisontes ao intellecto para as conquistas civilisadoras do saber. Inspirando-se no erro, na concupiscencia, na banalidade, entoxicam a razão, desnorteiam o cerebro e pervertem o sentimento.

A leitura molda e informa o homem para o bem, se é joeirada pela fieira do bom senso; para o mal, se vem embebida no veneno da depravação.

Infiltra-se como os veios d'agua pelos meandros da campina. D'ahi, póde ser licor, puro como crystal, que dessedente, ou virus destruidor que leve á morte.

Os bons livros conseguem fazer d'um homem

um sabio ou um santo; os maus transformam-no sempre n'um ente desprezivel, sem honra, sem vergonha e sem caracter.

Infelizmente é incomparavelmente maior o numero dos ultimos.

O seculo XIX, que, sem contestação, tem caminhado muito no campo das sciencias, das lettras e das artes, não quer comtudo escutar a doce voz do Christianismo. D'aqui vem o desequilibrio.

Não ha verdade alguma na religião christã que não tenha soffrido impugnações violentas da parte da imprensa incredula. Desde o dogma da unidade de Deus, principio tão evidente a todas as intelligencias como indispensavel para explicar a existencia e a harmonia de tudo que nos cerca, até á menos importante e menos significativa ceremonia do culto catholico, — tudo tem sido alvo da critica mordaz, do ataque traiçoeiro, da calumnia atroz dos inimigos da Egreja.

Já não fallo de certas leituras indigestas que os ociosos de mau gosto rebuscam com afan descomedido, sem dar tento de que o bandoleirismo de certos *pataratas,* arvorados em litteratos, lhes assalta as algibeiras em plena luz do dia.

Passo até uma esponja por sobre mil coisas frivolas e pretenciosas, que se pavoneiam por esses livros, para pasto de ingenuos sem conta.

Ai! mas o que me faz sangrar o coração de verdadeiro crente é vêr que a aleivosia sem freio expectóra mucosidades repellentes contra os principios religiosos que com o leite bebi!

Em nome d'uma sciencia refalsada ou antes

pseudo-sciencia, a Historia considera a Biblia como uma superfluidade; com um sorriso voltaireano, chama lendarios aos factos que o livro divino aponta inconcussos; em tredos ares de chicana, apresenta datas erroneas, sem respeito pela doutrina de tantos seculos, que é incapaz de rebater (1).

Levanta-se a Philosophia materialista, dizendo que a crença é uma puerilidade e que alem-campa nada existe; derivando a nossa origem d'um irracional e limitando o nosso destino a um sepulchro.

Surge a Hierographia, affirmando que o Christianismo é um plagiato de todas as religiões e procurando, com infames solercias, tecer armadilhas aos incautos.

A Anthropologia e a Geologia, mal-entendidas, dizem ser o Génesis um anachronismo, um absurdo e um estorvo aos progressos da sciencia, e proclamam, com Herschell, que tudo se formou independentemente d'uma causa suprema.

A Litteratura hodierna expande-se em manifestações realistas e pornographicas, provocando nauseas com as suas pustulentas exhibições d'hospital.

A Sociologia apregoa o sentimento religioso como um entrave ao progresso e ás aspirações mais nobres...

Em todas as camadas se nota um desnorteamento incrivel nas ideas, que vem reflectir-se nas manifestações externas — nos factos.

Contrista e retalha o coração vêr como se apro-

(1) Ha um livro d'estes no actual regimen d'instrucção secundaria.

veita o pensamento, a palavra e a imprensa para desvirtuar quanto ha de mais sagrado e respeitavel!

Com taes exemplos, a mocidade d'hoje contamina-se precocemente e contaminada fica para todas as emprezas da vida. Os resultados estão á vista — as imbecilidades germinam e fecundam á maravilha, as traições repetem-se todos os dias, a falta de dignidade e de caracter assignala todas as classes sociaes.

E' natural: — se á vergontea, flexivel e docil, se não dá a direcção conveniente, especando-a com cuidado, mas pelo contrario se deixa exposta ás furias do vendaval, nunca lhe vereis imponencia nem viço; será de futuro uma arvore engelhada e desgraciosa.

Mas, agora pergunto eu: — aos emprehendimento incessantes não deveria corresponder o bem em toda a sua pujança, o bem universal?!... Pura illusão!

E' que são mais os espiritos de revolta do que os firmes nos verdadeiros principios; são mais as intelligencias dessoradas, que abraçam o realismo torpe, do que aquellas que se alteiam para ideaes nobres e alevantados.

Ainda não ha muitos dias que da penna do snr. Abel Botelho sahiu um parto monstruoso, tinto de sangue e escorrendo asquerosidades, e hoje mesmo vi n'uma revista litteraria fumaradas d'incenso a thuribular aquella negra escoria!

Triste critica de pechisbeque!... E o que é mais triste ainda é que estas negaças logram alliciar

os inexperientes, que sorvem aquellas linhas aphrodisiacas com a soffreguidão de quem chupa hydromel!

Já Platão dizia que os livros impudicos deviam ser eliminados.

No entanto, vê-se que a nodoa se alastra intensamente.

De que se precisa pois nas actuaes circumstancias? De lucta sem treguas, de labutar sem descanso, n'um fremito incoercivel.

Ao clero, em especial, cumpre pegar da penna e pôr em fuga os insolentes; defrontar-se com os incredulos e provar-lhes que a Fé tem por couraça a verdade e a justiça e por broquel a propria mão de Deus; erguer a viseira perante as aberrações dos pseudo-sabios e aniquillar, á luz da verdadeira philosophia, os que pretendem insinuar que existe antagonismo entre a Religião e a Sciencia; avergoar os *fazedores* de livros — que são rebotalho —, nem recommendaveis pela idea cancerosa, nem pela fórma casquilha, alambicada e por vezes tôrpe.

O mercado açambarca-se de postema e podridão: — é preciso desinfecta-lo.

Cruzar os braços no momento presente é um crime.

Não aconteça que não possa contrapôr-se um só livro bom a cem volumes depravados.

S. Damaso, 11—5—98.

R. F. Fontinha.

Uma constellação

Com o descobrimento do caminho maritimo para a India, toca o zenith a gloria lusa. Foi esse o feito supremo, o feito sem par. Acima d'elle nada encontro na Patria, nem fóra d'ella.

Corro n'um relance a Historia, fixo-a nos pontos de mais intenso brilho e não dou em convencer-me de que haja, em todos os seus longos cyclos, algo que, em audacia e em magnitude, em heroismo e tenacidade, exceda ou eguale esta portuguezissima gloria, garantia segura da immortalidade.

E' um facto unico, é um facto assombroso! Para o classificar assim, de quasi milagre, não me cega o patriotismo: julgo serenamente. Não foi uma aventura, comparante á de Colombo, coroada pela sorte amiga: foi um proposito, foi um calculo, que agitou muitas gerações: foi a resultante d'um immenso esforço.

O Infante de Sagres havia sonhado o monu-

mental arrojo, traçara-lhe o escorço vastissimo, sacára-lhe os primeiros auspiciosos segredos.

Fez escola.

Desde então, a inquieta alma portugueza, accesa a pupilla no vivo fogo d'uma paixão empolgalte, doidejou para o seio do mar tenebroso, como phalena que a luz magnetisa. Teimou longamente, porfiadamente, n'uma sublime loucura de fé!

A Africa negra, terrifica, foi apparecendo, como que d'entre a bruma d'um *fiat* novo, ao esforço do pequeno povo gigante, da orla atlantica!

D. João II, alma de rara luz e de maravilhosa agudeza, herdou a enthusiastica visão do Infante e deu-lhe a força do seu braço potente. Se não pôde colher, como bem merecera, a gloria total do immenso feito, que tanto quiz realisado, teve ao menos a consolação de vêr como o esforçadissimo Bartholomeu Dias reduziu a nada as lendas, que ainda obstruíam o oceano, e como abriu o lanço mais temeroso e difficil da titanesca empreza, dobrando o *cabo tormentoso,* para lá do qual estava a rica e suspirada India.

D. Henrique, D. João II, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e o inspirado cantor de todos — Camões — são os summos sacerdotes do grandioso sacrificio, que o povo portuguez fez á civilisação. São as estrellas da mais vivaz constellação da Historia Nacional.

Se a Patria, agradecida, beija a sublimada memoria d'estes seus filhos mais bem queridos, e os colloca em aras excelsas de oiro fino, não faz mais que o stricto dever.

A. Hermano.

Letras

Espirito revolucionario do seculo XIX, por Anselmo Vieira. Codice de opiniões, talhadas na mais serena imparcialidade e filhas da mais sagrada convicção, sobre alguns dos enunciados do problema social. Sem assômos cathedraticos, com rara subtileza de conceitos e madureza de doutrina, apoiada numa fecunda erudição, forrageada nos melhores auctores, analisa o caracter revolucionario do seculo actual. Disséca, com um *sangue-frio* que dá a experiencia, os chimericos sophismas dos *immortaes principios* — a traducção em vulgar da republica platonica — em toda a sua plenitude só viaveis num *eden* d'anjos e nunca numa sociedade d'homens com o cunho d'animalidade innato á sua natureza. Espia todo o movimento socialista, quintessenciado no anarchismo, possesso d'odio infernal, apopletico de vingança assolando tudo como o *simoun*, e quando amordaçado, tendo por porta-voz, o dinamite. Indigna-se contra os apostolos da *ideia nova* que, de conselheiros do povo, cairam em seus servis aduladores, como outr'ora os aulicos, de preceptores deram em bajuladores e lisongeiros. Considera a questão social, como resultante da economica, cujo coefficiente engrossa assustadoramente, pairando acima das mesquinhas intrigas politicas porque não se trata d'um golpe d'estado, mas d'um golpe de sociedade. Corta azas a muitas utopias, tira a certidão d'obito de muitas illusões para nos poupar futuras desillusões.

De polo a polo, sente, esboçada, uma interrogação tetrica, horrivel, delineada a sangue como antimonia do arco-iris; as ideias revolucionarias incoerciveis como o ether, palpitam em todas as feições do seculo preparando um imminente cataclismo social. Não se abre sobre religião.

Não é reaccionario; crê na evolução do progresso: as ideias como os rios tem o seu curso, ora deslisando em esperguiçamentos pela areia, ora despenhando-se em ruidosas cataractas, que, espumando as aguas, purificam-nas. A estagnação da civilisação gera miasmas.

O estilo polido, elegante, bem posto, sem arrebiques nem farfalhices, faz lembrar a transparencia d'um cristal; as ideias saltam nitidas em todos os contornos, frescas em toda a vivacidade de movimentos.

Infelizes, por D. Anna Castro Osorio. Galeria de esbocetos desaffectados, até triviaes, de alguns malaventurados, que todos temos visto

vezes sem conta surgir a cada esquina, mas que a visionação de febre lhe fez ver por um prisma sentimental, rico de meiguice mas pobre d'interesse. Paginas, mediocres na ideação, escriptas mais com o sentimento que com a phantasia, talvez até alambicadas, mas d'um discreto esmero no relevo da phrase que accusa a aptidão d'uma artista de larga cultura litteraria. Ao ler-se embebe-se a alma da dôr dos personagens, vibra de commoção a fibra da sensibilidade, mas fechado o livro, cessa a vibração que é leve, esvae-se a impressão que é fugidia.

Caracteres incolores, banaes, traçados mais a esfuminho que a pincel, comtudo tão suavemente ungidos de terna candura que enleiam o coração.

Rei Galaor, por Eugenio de Castro. Poemeto dramatico, delicioso *bibelot* litterario, d'uma fina acuidade de imaginativa. Extasis de castellã innocente, recortados nos poemas de cavallaria, amando por instincto; em collisão com as desillusões d'um pae, sceptico atacado da *doença do seculo*, que a quer furtar á má-estrella do amor, cujo influxo sinistro elle sente no pessimismo desesperador que o devora; e que se obriga a ser tirano pelo muito que é *pae*. Ha poesia alli porque ha sentimento do bello, melodia do rithmo e delicadeza d'impressionabilidade. Tem brazão de principe na *casta literaria* dos novos, porém, em que pese ao *noblesse oblige* do seu credo, tenta democratisá-la, *humanisando* a fórma e dando-nos o fio d'Ariadna da sua phantasia. E' um nephelibatismo de transição, é o *deus ignotus* que levanta uma ponta do veu, é o *excelsior* que desce até onde, a olho nú, se distinguem bem as capacidades.

Problema do casamento, por P. Mantegazza, versão de C. de Figueiredo. Biparte-se em duas theses: arte de escolher marido e arte de escolher esposa. Enciclopedia de sãos conselhos, prudentes revelações, confidencias discretas, offerecidas aos aspirantes ao matrimonio.

O auctor, psychologo italiano, é já uma gloria europêa; tem votado todas as energias do seu talento á solução do vital problema da familia em que está a chave do enigma da felicidade social. Sonda abismos, desdá difficuldades, quebra o sello de muitos mysterios, traça, com arte, quadros do drama domestico, apanhados em flagrante, urdidos com fina graça; tudo isto com uma tal sagaz delicadeza que zomba do melindre do assumpto.

O estilo vivo e animado, rico de imagens expressivas, polychromas e salpicado de notas alegres em que cabriola uma leve ironia.

A traducção attinge caracter de nacionalisação, portugueza dos quatro costados; é que C. de Figueiredo é um dos raros paladinos, invulneravel á gafaria dos gallici-parlas que pullulam como cogumelos e que estão a pedir, como medida higienica, para os livros quarentena, no lazareto d'uma Academia.

Reserva-se o direito de discordar d'algumas opiniões do auctor, embora lh'as respeite, com que não são solidarias as proprias convicções.

S. Damaso.

Antunes.

Aulas — Amilcar, M. Martins, Arthur Freitas, Jacintho Basto, M. J. F. Azevedo, Abrahão, Alfredo G., Arôso e Paulo.

Miudezas

Os alumnos que fazem exame no *Seminario*, já requereram.

— O praso de requerer exames de transição termina a 10 de junho.

— O estado sanitario do collegio tem sido excellente.

— Matricularam-se, no principio de maio, alguns novos collegiaes.

— O dia 18 de maio foi feriado no collegio, visto ser o 4.º centenario da chegada de Vasco da Gama a Calicut.

— Ainda não está fixado o dia para o passeio grande, mas será brevemente. Aonde será?

VARIEDADES

O Collegial modelo

E' estudioso. E' essa a sua primeira qualidade. Nas aulas é quasi sempre contado entre os primeiros. Os professores estimam-no, os condiscipulos cercam no d'uma tacita sympathia. Os paes que lá fóra, no campo largo da vida, lidam por elle, consagram lhe os seus effectos mais fervorosos; amam no porque veem n'elle, o joven estudioso, a sua joia de melhor preço e a fructificação exuberante de seus sacrificios Se lhe escassear o talento. nem por isso o vereis desanimar; sabe que *muito pode quem muito quer*; por isso estuda com tenacidade, multiplica esforços que não raro o elevam á plana a ta dos talentosos.

Formosa iniciação na vida!

Como do trabalho, do estudo, brota a alegria, o collegial estudioso é jovial nos recreios Ri e folga n'uma franca expansão, bella, phrenetica, que lhe rompe em borbotões da alma descuidosa e lhe espalha abundante pelo corpo saude, o vigor, e pela alma a graça, a vivacidade, a inteligencia.

E' bondoso Aos professores respeita os, estima os, teme desgostal os: aos companheiros trata os como a irmãos, reparte com elles as suas alegrias, os seus pequeninos triumphos, as suas aspirações, e conta lhes com graça e candura os seus futuros côr de rosa, tão lindos!

E' obediente, docil e piedoso. Recebe a direcção do educador com o sorriso nos labios, grato e reconhecido. Nunca o vereis insurgir-se contra os regulamentos. Acata-os porque a consciencia em nome da religião, em nome da honra, em nome da ordem e em nome da justiça, lhe diz imperiosamente: — obedece. E' lei E elle, o collegial exemplar, sabe que está no collegio a preparar se para ser homem, amanhã, no seio d'uma sociedade numerosa, em meio d'uma rede meuda de deveres que urge cumprir; por isso quer principiar desde ali, desde os bancos da escola, a ser obediente e honrado

A honra! que bemdita coisa é a honra! bemdita como as coisas sagradas e mais valiosa que as pedrarias luzentes!

Cultivae-a com muito amor!

A. H.

Porto — Typ. a vapor de Arthur José de Souza & Irmão.